



**Vulnerabilidade social e criminalidade:  
diálogo romanesco entre *Mar morto*, de Jorge Amado,  
e *Le gang des Antillais*, de Loïc Léry**

***Social Vulnerability and Criminality:  
A Romantic Dialogue between Sea of Death, by Jorge Amado,  
and Le gang des Antillais, by Loïc Léry***

Vanessa Massoni da Rocha

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

vanessamassonirocha@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2940-7931>

**Resumo:** O artigo se propõe a analisar o romance *Mar morto* (1936), do escritor brasileiro de origem baiana Jorge Amado, e a obra *Le gang des Antillais* (1985), do autor francês de origem martinicana Loïc Léry. Leitor de Amado, Léry compartilha com o mesmo o apreço por temáticas sociais, pela escrita engajada, pela militância política e a experiência do exílio e do encarceramento. No âmbito literário, os livros dos autores, a despeito de distintas envergaduras literárias, apresentam imaginários convergentes na leitura do binômio ‘vulnerabilidade social’ e ‘banditismo’ e apontam para a criminalidade como ápice de opressões sociais e históricas que fragilizam seres marginais.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; Loïc Léry; literatura comparada; vulnerabilidade social; criminalidade.

**Abstract:** The article aims to analyze the novel *Sea of Death* (1936) by the Brazilian writer, of Bahian origin, Jorge Amado and the work *Le gang des Antillais* (1985), by the French author, of Martinican origin, Loïc Léry. Reader of Amado, Léry shares with him the appreciation for social themes, the engaged writing, the political militancy and the experience of exile and incarceration. In the literary sphere, their books, despite

different literary wingspans, present convergent imaginaries in the reading of the binomial ‘social vulnerability’ and ‘banditism’ and point to crime as the apex of social and historical oppressions that weaken marginal beings.

**Keywords:** Jorge Amado; Loïc Léry; comparative literature; social vulnerability; criminality.

Minhas influências vêm do autor norte-americano Chester Himes, Jorge Amado ou ainda Frantz Fanon. Meu desejo era escrever para o povo, criar um diálogo.<sup>1</sup>

Loïc Léry (2016)<sup>2</sup>

## Introdução

Neste artigo pretendemos analisar a relação entre vulnerabilidade social e criminalidade no romance *Mar morto* (1936), do escritor brasileiro de origem baiana Jorge Amado (1912-2001), e no romance policial *Le gang des Antillais* (1985), do francês oriundo da ilha caribenha de Martinica Loïc Léry (1959). À primeira vista, impõem-se inúmeras diferenças entre ambos, sobretudo no âmbito de suas trajetórias literárias, sendo o primeiro um dos autores mais populares do Brasil com quase quarenta livros lançados, vendagem expressiva, numerosas traduções, reconhecimento internacional através de prêmios diversos e prestígio nacional como membro da Academia Brasileira de Letras. O segundo escreveu dois livros ainda não traduzidos, não se reconhece como escritor e exerce a profissão de auxiliar de enfermagem em um hospital em sua ilha natal.

No que pese a inegável diferença no panteão artístico, a trajetória de ambos se cruza de maneira afetiva e profunda quando Loïc Léry menciona, em entrevista para Gladys Marivat (2016), a importância do brasileiro em sua formação identitária e leitora durante o encarceramento em uma prisão de segurança máxima nos arredores de Paris. No trecho que acolhemos como epígrafe deste artigo, Léry menciona Jorge Amado

---

<sup>1</sup> “Mes influences viennent de l’auteur noir-américain Chester Himes, Jorge Amado ou encore Frantz Fanon. Mon souhait était d’écrire pour le peuple, créer un dialogue.”

<sup>2</sup> São de nossa autoria as traduções para o português de textos literários, teóricos e entrevistas em francês.

como inspiração para a escrita centrada nas questões populares durante o confinamento. Se Léry era leitor de Amado, o contrário nos parece bastante improvável. Léry publica seu primeiro romance pela editora martinicana Désormeaux em 1985, em uma tiragem reduzida circunscrita majoritariamente à ilha caribenha. Quando da reedição da obra em 2016, pela editora Caraïbéditions, por ocasião do lançamento da adaptação cinematográfica do texto, Amado já havia falecido.

Assim, este artigo coteja dois autores cujas obras dialogam e refletem uma plena conexão com temáticas populares, com os dissabores da vida dos mais vulneráveis e com a descoberta do banditismo como meio de sobrevivência e de revanchismo social. Este artigo se organiza em torno de duas partes, a saber: Brasil e Martinica: olhares entrecruzados e fricções romanescas de Amado e Léry e Dos sonhos interditados à criminalidade: estudo de casos. Na primeira, focalizamos os diálogos e distopias entre os escritores buscando compreender suas trajetórias literárias e de que maneira obras de quase cinco décadas de diferença apontam para temáticas comuns. Na segunda parte, estudamos como se tece na trama romanesca de *Mar morto* e *Le gang des Antillais* a aproximação entre vulnerabilidade social e banditismo.

Propomos, neste momento, uma breve apresentação dos livros privilegiados nesse artigo. *Mar morto* nos apresenta a história do marinheiro Gumercindo no cais da Bahia e de sua esposa, Lívia, que sonha um dia poder deixar para trás as agruras da vida do cais do porto e viver do trabalho em uma quitanda na cidade. Sob a égide de Iemanjá, que é mãe e esposa de todo marítimo, a vida de Guma se imbrica com o mar, com as tempestades e com os saveiros que conduz. Filho de um marinheiro e de uma prostituta com quem tem pouco contato, o menino foi criado pelo tio Francisco, marinheiro e grande contador de histórias da região. Guma, homem de pouca escolaridade e de extrema simplicidade, mantém uma rotina que oscila entre o transporte de produtos num saveiro, os encontros no bar com os amigos e a religiosidade. Os únicos sobressaltos repousam nos problemas financeiros, no enfrentamento de tempestades, nos afogamentos e nos perigos do mar, que é representado como mistério, amigo e destino incontornável. Ao se tornar pai e se ver em extrema miséria, com dívidas e desiludido, Guma rompe com seus paradigmas de honestidade, se curva à contravenção e aceita trabalhar provisoriamente no contrabando de produtos importados, atividade durante a qual naufragará.

Romance policial de contornos autobiográficos, narrado em primeira pessoa pelo personagem Jimmy Larivière, *Le gang des Antillais* descortina o fracasso do sonho do Eldorado francês na década de 1970, que provocou o exílio do jovem martinicano de 13 anos de idade da sua ilha natal para a capital francesa. Larivière descreve seus dramas de maneira não-linear, repleta de *flashbacks* e em uma linguagem popular repleta de gírias, palavras de baixo calão e sentenças em crioulo martinicano. Seu texto visceral acolhe tanto as violências e exclusões na rotina de negros caribenhos no encarceramento francês quanto as agruras que o levaram a integrar uma gangue de quatro antilhanos que comete, por quase um ano, assaltos a mão armada em agências dos correios e em uma agência bancária. O romance, redigido dentro de sua cela na prisão de Fleury-Mérogis, onde cumpria pena por roubo, coloca em cena as dificuldades de integração dos caribenhos na ex-metrópole, numerosos episódios de racismo e a descoberta da criminalidade como resposta financeira – e reparação histórica – pelos traumas abertos ao longo da empreitada colonial na Martinica (1635-1946) e pelo programa do BUMIDOM (1963-1981), que, em português, é conhecido como Escritório pelo desenvolvimento das migrações nos departamentos ultramarinos.

### **1 Brasil e Martinica: olhares entrecruzados e fricções romanescas de Amado e Léry**

Nossos olhares se propõem a perscrutar zonas de aproximação e de afastamento entre Jorge Amado e Loïc Léry. De início, salta aos olhos a maneira humilde como compreendem a carreira de escritor, rechaçando a exaltação de si mesmos. “Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de escrever. Dizia ser um escritor e mais nada” (CASTELLO, 2009, p. 13). Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Amado se despe de qualquer modéstia e atribui ao povo a honraria obtida, afirmando que escreve no intuito único de servi-lo. Demonstra, assim, saber comungar como poucos notoriedade e singeleza:

Penso, assim, poder afirmar que chego à vossa ilustre companhia pela mão do povo, pela fidelidade conservada aos seus problemas, pela lealdade com que procurei servi-lo tentando fazer de minha obra arma de sua batalha contra a opressão e pela liberdade, contra a miséria e subdesenvolvimento e pelo progresso e pela fartura, contra a tristeza e o pessimismo, pela alegria e confiança no futuro. (AMADO, 1961).

Léry vive uma vida pacata como auxiliar de enfermagem em Fort-de-France, Martinica, longe dos holofotes e do mundo literário. Não concede entrevistas, não circula ao lado de personalidades caribenhas, tampouco mantém contato com seus leitores. Sequer se apresenta como escritor em sua biografia na rede social Facebook ou possui página de apresentação promocional na internet. Em 2016, quando da adaptação cinematográfica de seu romance, colaborou ativamente com o roteirista e diretor guadalupense Jean-Claude Barny, retornando para a cena cultural trinta anos após a publicação do livro. O cineasta explica as premissas do longa-metragem: “Para o ativista que sou *Le gang des Antillais* é uma maneira de reabilitar um personagem como Loïc Léry. Ele se levantou e disse não. Ele migrou para o banditismo por razões políticas, sociais. A gangue nunca matou ninguém” (BARNY, 2016, p. 6).<sup>3</sup> É importante ressaltar que a discreta fortuna crítica em torno de Léry se concentra em entrevistas sobre o filme à época de seu lançamento e não em suas produções literárias. Uma vez encerrados os eventos de divulgação e promoção do filme, o antilhano retomou o anonimato. Publicou em 2017 um romance policial intitulado *La Roche empoisonnée*, centrado na problemática do crack e cuja repercussão foi bastante mitigada. O diretor Jean-Claude Barny define *Le gang des Antillais* como “uma narrativa bruta, escrita no calor” (ONOMO, [2015?], p. 4), “um romance ultra-realista”, uma “forma de redenção” (ONOMO, [2015?], p. 6) e Marcel Manville (1985, p. 1), advogado de Léry, o considera um “autodidata”; sentenças que aludem menos ao talento de escritor do que à importância do testemunho ofertado por Léry no livro de contornos autobiográficos.

O escritor martinicano Patrick Chamoiseau retrança no livro *Écrire en pays dominé* (1997) sua amizade com Léry e a descoberta da leitura

---

<sup>3</sup> “Pour le militant que je suis *Le Gang des Antillais* est une manière de réhabiliter un personnage tel que Loïc Léry. Il s’est levé et a dit non. Il est passé par le banditisme pour des raisons politiques, sociales. Le gang n’a jamais tué personne.”

e da escrita no cárcere. Naquele momento, Chamoiseau era educador no presídio e foi ele quem encorajou o detento na leitura e na escrita:

Para o meu novo amigo, falei sobre os efeitos da escrita em mim. Tive a ideia de sugerir que ele escrevesse sua história. Sua situação, sua cela, o peso irremediável da detenção, seu ressentimento pelo exílio, suas jornadas tumultuadas contra a polícia pareciam propícias à narração. Ele mal podia acreditar em mim. Ofereci a ele um caderno. As maravilhosas páginas em branco produziram seu efeito. Ele provavelmente escreveu uma frase, depois outra. Eu, encorajando-o a ignorar a sintaxe gramatical e a ortografia. (CHAMOISEAU, 2011, p. 97).<sup>4</sup>

Cabe assinalar que na década de 1970, Chamoiseau era um rapaz de 20 anos, não tinha publicado e estava ainda distante de participar da concepção do manifesto *Elogio da criouldade* (1989). Era tanto quanto Léry um jovem em formação que buscava povoar a cadeia com doses terapêuticas de leitura, escrita e esperança. Assim, Chamoiseau se torna tutor, mediador e um interlocutor capaz de ressignificar o encarceramento do novo amigo. Inicialmente, o hábito da leitura consistia para Léry um meio de proteção, uma vez que ao permanecer em sua cela evitava os passeios diários no pátio do presídio, onde havia disputas entre gangues rivais e episódios de extrema violência. Patrick conclui seu poético testemunho sobre Léry com um elogio sobre a leitura e a escrita enquanto instâncias de transformação, de superação e de conquista da dignidade perdida:

Meu amigo preso entrou no jogo. As páginas do caderno estavam cobertas. Ele lia. Ele escrevia. Lia. Escrevia. Minha amizade recente com o supervisor-chefe descolou para ele uma máquina de escrever. Ele passou seus dias, suas noites lá. [...] Ele escreveria um romance (*Le gang des Antillais*) que eu consegui, alguns anos depois, publicar nas Antilhas. Ao vê-lo escrever, percebi o potencial de ler e escrever em uma situação extrema. Meu

---

<sup>4</sup> “À mon nouvel ami, j'évoquais les effets de l'écriture sur moi. L'idée me prit de lui suggérer d'écrire son histoire. Sa situation, sa cellule, le poids irrémédiable de la détention, sa rancœur d'exilé, ses tumultueux périples contre les policiers semblaient propices aux narrations. Il eut du mal à me croire. Je lui offris un cahier. Les merveilleuses pages blanches produisirent leur effet. Il écrivit sans doute une phrase, puis une autre. Moi, l'encourageant à se moquer de grammaire syntaxe et orthographe.”

novo amigo reconstituiu uma densidade que aniquilou a dor do encarceramento. Ele não estava mais ressentido, mas com *desejos*. Ele se projetava com confiança. Ele irradiava energia. (CHAMOISEAU, 2011, p. 98, grifo do autor.)<sup>5</sup>

Patrick Chamoiseau (2011, p. 96, grifo nosso) enumera alguns dos autores que apresentou para o amigo: “Naipaul, Carpentier, Lezama Lima, Roumain, Stephen Alexis, Guillén... Sua cela se preencheu do Caribe, e depois (com Faulkner, *Amado*, Márquez, Roa Bastos, Asturias...) da América das plantações”.<sup>6</sup> Mais uma vez, o encontro literário entre Jorge Amado e Loïc Léry ascende ao primeiro plano. Espaços marcados pelas colonizações portuguesas e francesas, respectivamente, o Brasil e as Antilhas francesas compartilham numerosos marcos históricos, tais como a formação da Neoamérica, a vivência da diáspora africana, a escravização, a colonização organizada em torno da cultura agrária, o pós-colonialismo, o pós-abolição, as identidades compósitas (GLISSANT, 1996, p. 59). Todos esses marcos se imprimem na formação identitária e nas diversas manifestações culturais aproximando de maneira relevante o Brasil e o Caribe francês.

Ao retomarmos as zonas de contato entre os autores e as obras, observamos o fato de as obras terem sido escritas longe da cidade natal: Jorge Amado tinha acabado de se diplomar na Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro e produziu nessa cidade, que ostentou o título de capital do país até 1961. Por sua vez, Loïc Léry tinha emigrado de sua ilha natal caribenha, a Martinica, para a ex-metrópole, a França, na década de 1970, aos 13 anos de idade e vivia exilado na cidade.

---

<sup>5</sup> “Mon ami emprisonné se prit au jeu. Les pages du cahier se couvrirent. Il lisait. Il écrivait. Lisait. Ecrivait. Mes récentes amitiés avec le surveillant-chef lui décrochèrent une machine à écrire. Il y passait ses journées, ses nuits. [...]. Il allait ainsi écrire un roman (*Le gang des Antillais*) que je parvins, quelques années plus tard, à faire éditer aux Antilles. En le voyant écrire, j’eus conscience du potentiel de la lecture-écriture dans une situation extrême. Mon nouvel ami s’était reconstitué une densité qui annihilait la frappe carcérale. Il n’était plus en rancœurs, mais en *vouloirs*. Il se projetait en confiance. Il irradiait d’un charroi d’énergie.”

<sup>6</sup> “Naipaul, Carpentier, Lezama Lima, Roumain, Stephen Alexis, Guillén... Sa cellule se remplit de la Caraïbe, puis (avec Faulkner, Amado, Márquez, Roa Bastos, Asturias...) de l’Amérique des plantations.”

Outro ponto de interseção entre Amado e Léry repousa nas interfaces entre as obras em tela com outras artes. *Mar morto* se tornou uma radionovela na Radio El Mundo, da Argentina, em 1941, e inspirou, conjuntamente com *A descoberta da América pelos turcos*, a telenovela brasileira *Porto dos milagres*, veiculada na emissora de televisão Globo em 2001. Dirigida por Fabrício Mamberti e Luciano Sabino, dentre as principais críticas da adaptação televisiva se destaca o embranquecimento dos personagens do cais do porto. *Le gang des Antillais* se tornou um filme homônimo em 2016, dirigido por Jean-Claude Barny e produzido por Sébastien Onomo. No ano seguinte o longa foi laureado com o prêmio máximo no Festival Polar de Cognac. É preciso salientar a importância da adaptação cinematográfica para a redescoberta do romance de Léry, no que se refere tanto à reedição da obra em 2016 – a edição de 1985 já estava esgotada – quanto à fortuna crítica sobre o filme (resenhas, entrevistas, comentários). Infelizmente, como já mencionamos, essa fortuna se mostra, ainda, bastante tímida.

Para além desses aspectos, o filme se destaca pelo pioneirismo enquanto longa-metragem francês com protagonismo negro, o que se insere num debate cada vez mais pertinente e acalorado sobre a representatividade negra. De fato,

É um dos primeiros filmes franceses cujos personagens principais são negros. Com isso, o filme participa da introdução que alguma coisa que não tínhamos o costume de ver no cinema [...]. Ele surpreende o público que desejava ser representado na grande tela e que tem dificuldade de acreditar que isto possa acontecer! (JEAN, 2017, p. 16).<sup>7</sup>

No que tange às idades em que escreveram as obras, vêm à tona mais convergências entre os escritores. Jorge Amado escreveu *Mar morto*, seu quinto romance, em 1936, aos 25 anos. Loïc Léry redigiu *Le gang des Antillais* durante sua estadia na prisão entre 1979-1986. O livro foi concluído, como afirma Gladys Marivat (2016), em 1984, quando o autor tinha exatos 25 anos. Trata-se assim de obras da juventude, marcadas pela

---

<sup>7</sup> “il est un des premiers films français dont les personnages principaux sont des Noirs. En cela, il participe à l’introduction de quelque chose qu’on avait plus l’habitude de voir dans le cinéma [...]. Il surprend son public qui demandait à être représenté sur grand écran et qui a du mal à croire que cela puisse arriver!”



euforia da idade, pelo idealismo político e libertário de ambos. Embora jovens, os dois autores já tinham constituído família e cada um tinha uma filha à época das publicações.

Acerca de *Mar morto*, a autora Ana Maria Machado (2008, p. 278) defende a premissa de que “ao contrário de outros livros de Amado dessa fase, este jamais chega a constranger o leitor com perorações partidárias, palavras de ordem, discursos panfletários. [...] O lirismo fala mais alto”. Vemos, desta forma, Jorge Amado como um jovem escritor à procura de sua identidade literária, forjando caminhos, experimentando soluções estéticas, pondo-se à prova da crítica e do público leitor e buscando meios eficazes de conciliar temas de predileção – sejam políticos/polêmicos – com o caráter artístico e romanesco da obra, que não deveria perder de vista. *Mar morto* se localiza na fase inicial desse período de engajamento social, na qual se observa o “marxismo como chave de análise social” (ROSSI, 2009, p. 25). Ela compõe com as outras obras da década de 1930 – à exceção de *O país do Carnaval* (1931), publicação de estreia – o que se convencionou chamar de “romance proletário”, no qual o plano econômico e as relações entre patrões e empregados dão o tom da narrativa.

Na nota de abertura do romance *Cacau*, escrito aos 20-21 anos em 1932-1933, Amado (1981, p. 8) interroga: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?” Nas páginas finais do romance, ele procura distanciar sua obra de outros tipos de textos: “Li uns romances antes de começar *Cacau* e bem vejo que este não se parece nada com eles. Vai assim mesmo. Quis contar apenas a vida na roça. Por vezes tive ímpeto de fazer panfleto e poema. Talvez nem romance tenha saído” (1981, p. 128). O autor ressaltava a importância da escrita-verdade, do testemunho, da denúncia social em detrimento do que, nos primeiros anos de sua trajetória literária, concebia ser a literatura, compreendida como fazer revestido de áurea ficcional, inventiva, não necessariamente atrelado ao cotidiano e às questões urgentes do país. A ingenuidade em comparar “literatura” e “honestidade”, instâncias de natureza incomparável, e ainda fazê-lo sob os signos maniqueístas de imaginação e de realidade nos permite compor uma fotografia dos primeiros passos da formação literária e política daquele que viria a se tornar o mais popular escritor brasileiro, comendatário do prêmio Camões (1970), da Legião de honra francesa

(1984) e do título de doutor *honoris causa* da Universidade Sorbonne (1998), além de presidente fundador da Fundação Casa de Jorge Amado (1987). Estamos diante de um jovem em franca formação que busca se defender de antemão – de maneira profética e sem renunciar ao deboche – das críticas que minimizariam o valor literário das primeiras obras (*Cacau*, *Suor* e *Jubiabá*) por causa da forte verve política e comunista que veiculavam, os chamados ‘discursos panfletários’, denunciados por Ana Maria Machado.

Nesse sentido, *Mar morto* promove uma ruptura estética com a tríade anterior, procurando acolher o lirismo, a musicalidade, o ritmo e a cadência poética que propiciaram a Jorge Amado parcerias com o compositor e cantor Dorival Caymmi, que se inspirou no romance para compor, dentre outras canções, “É doce morrer no mar” (1941). Definido pelo pesquisador Jean Roche (1987, p. 81) como “romance-poema”, *Mar morto* pulveriza o tom belicoso e a postura pronta para o combate de outrora. Aqui, a problemática social se mantém presente, mas não rivaliza com os personagens pelo protagonismo da trama. Amado encena a diluição das palavras de ordem, embora as menções à luta de classe, à revolta, à pobreza, à greve e aos heróis populares permaneçam.

Nessas obras iniciais amadianas, com claros contornos doutrinários, pululam referências aos sindicatos e a toda sorte de levante popular capaz de retratar e denunciar as injustiças, as discriminações e as desigualdades sociais, a precariedade laboral, os salários diminutos, a fragilidade dos direitos trabalhistas, a exploração e os assédios no âmbito ocupacional. A brutalidade das relações, as explorações exercidas pelos que controlam os meios de produção, a falta de oportunidade, a vulnerabilidade e a penúria na sociedade assolam diversos personagens: os operários de uma fábrica de tecidos e principalmente os trabalhadores das fazendas, em *Cacau* (1933); os moradores do prédio 68 da Ladeira do Pelourinho, uma espécie de cortiço onde gente humilde se empoleira, em *Suor* (1934); o estivador (que exerceu diversas profissões e foi menino em situação de rua) Antônio Balduino, em *Jubiabá* (1935); os marítimos (pescadores, saveireiros), em *Mar morto* e, finalmente, os meninos-ladrões em situação de rua, em *Capitães da Areia* (1937).

Sob essa perspectiva, Amado e Léry se aproximam sobremaneira. Ambos produziram romances nos quais se descortinam muitos temas similares, tais como violência, resistência, humilhação, desamparo, fragilidade, desemprego ou atividades com remunerações precárias,

vulnerabilidade social, criminalidade e demais dificuldades do proletariado. Léry explica em entrevista o porquê de ter integrado com três colegas antilhanos desempregados – e desesperados – a gangue dos antilhanos, grupo que assaltou agências de correio durante quase um ano em Paris e que foi detido na tentativa de roubo de uma agência bancária. Ele tinha na época 19 anos e era o mais jovem da quadrilha.

Non quero elogiar a gangue, mas temos que colocá-la em contexto. Você tem um jovem que percebe que a imagem idílica que ele tinha da França não corresponde à realidade. Ele se sente mal consigo mesmo quando descobre que não é francês, mas um imigrante dentre outros. Então ele tem que mudar completamente sua personalidade. Este jovem não tem o pensamento de um Césaire ou de um Fanon, é o de um proletário que foi preso. Como ele não deseja retornar ao seu país, duas opções estão disponíveis: ou ele se curva para ter talvez sucesso social, embora esteja mal consigo mesmo; ou ele tem uma reação, que devo admitir ser agressiva, que consiste em atacar o estado francês ao se tornar um gangster. (LÉRY, 2016a).<sup>8</sup>

Na mesma entrevista, Léry enfatiza a humanidade do grupo no contexto de criminalidade. Ele revela ser a gangue dos antilhanos um grupo armado que se insurge contra o estado opressor francês. Trata-se de uma modalidade de levante popular imbuído do desejo de devolver a violência sofrida, atacar seu algoz, romper o ciclo de alijamento e de apagamentos sociais.

Sem ferimentos, sem mortes. Mesmo se cometemos um ato que considero sério, sempre houve uma humanidade dentro da gangue. Assim, Politik tinha princípios: ele se recusava a atacar lugares onde havia crianças porque não queria traumatizá-las. No entanto,

---

<sup>8</sup> “Je ne veux pas faire l’apologie du gang, mais il faut se remettre dans le contexte. Vous avez un jeune qui constate que l’image idyllique qu’il avait de la France ne correspond pas à la réalité. Il est mal dans sa peau en découvrant qu’il n’est pas Français, mais un immigré parmi d’autres. Il doit donc totalement changé sa personnalité. Ce jeune n’a pas la réflexion d’un Césaire ou d’un Fanon, elle est celle d’un prolétaire qui a été piégé. Comme il ne veut pas à revenir dans son pays, deux choix s’offrent à lui : soit, il courbe l’échine, et aura peut-être une réussite sociale, tout en étant très mal dans son moi intérieur ; soit il a une réaction, que je dois admettre qu’elle est agressive, qui consiste à s’attaquer à l’Etat français en devenant un gangster.”

um ataque continua sendo um ataque. No que poderia ser visto como desonestidade, pequenez, existe uma espécie de grandeza, porque tiramos dinheiro do Estado. (LÉRY, 2016a).<sup>9</sup>

Partindo-se do pressuposto de que “toda sociedade elabora seus próprios marcadores de diferença. Ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência” (SCHWARCZ, 2019, p. 174), tanto Amado quanto Léry vislumbram a escrita literária em sua faceta para a denúncia de mazelas cotidianas e para o despertar da consciência política. Eles privilegiam a escrita enquanto instrumento de cunho social e veículo de insurgência e de reivindicação. Em outras palavras, está em jogo a possibilidade, através da tessitura romanesca, de desvelar identidades vilipendiadas, questionar os paradigmas de diferença, fazer escutar vozes sufocadas, fragilizar estruturas estanques de poder e de exclusão, invertendo ou pelo menos desnaturalizando pêndulos e engrenagens viciadas que mascaram uma perversa lógica social.

O antilhano evoca o caráter libertário da escrita para si mesmo: “Na prisão, que é uma selva, comecei outra vida, para me tornar outro homem, pelo estudo, com o bac<sup>10</sup> e pela descoberta do meu eu antilhano com a leitura e escrita de meu romance.”<sup>11</sup> (LÉRY, 2016a,). Ao fazer eco com o caráter transgressor e denunciatório tanto da biografia de Léry quanto do *Le gang des Antillais*, o cineasta Jean-Claude Barny imprime naquele a alcunha do justiceiro Robin Hood, personagem mítico de origem inglesa que rouba dos ricos para dar aos pobres:

---

<sup>9</sup> “Aucun blessé, aucun mort. Même si on se livrait à un acte que je considère comme grave, il y a toujours eu une humanité au sein du gang. Ainsi, Politik avait des principes : il refusait d’attaquer des lieux où il y avait des enfants car il ne voulait pas les traumatiser. Néanmoins, une agression reste une agression. Dans ce qui pourrait être perçu comme une malhonnêteté, une petitesse, il y a une sorte de grandeur car on prenait de l’argent à l’Etat.”

<sup>10</sup> Sigla de Baccalauréat, exame de fim de Ensino Médio e de ingresso ao Ensino Superior francês, que pode ser comparado, na esfera brasileira, ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

<sup>11</sup> “En prison, qui est une jungle, j’ai commencé une autre vie, à devenir un autre homme, par l’étude en arrivant jusqu’au niveau du bac, et la découverte de mon moi Antillais avec la lecture et la rédaction de mon roman.”

Loïc Léry é para mim um Robin Hood, alguém que queria enganar o sistema e pagou um preço muito alto por isso. [...] Ele foi considerado um bandido, porque não conseguimos torná-lo um anti-herói [...]. No entanto, ele lutou contra um sistema injusto que discriminava os antilhanos no mercado de trabalho e na sociedade em geral. (MARIVAT, 2016).<sup>12</sup>

Por sua vez, Jorge Amado discorre sobre o papel político medular da escrita em seu discurso de posse como membro da Academia Brasileira de Letras, em 1961:

Muitas vezes fui acusado de interessado e parcial, de escritor comprometido e limitado por esses compromissos, de escritor político e participante. Jamais tal acusação me doeu ou pesou, jamais me senti por ela ofendido. Qual o escritor não político? De mim não sei de nenhum. A própria condição de escritor é uma condição política, tão politicamente poderosa que ultrapassa a própria atuação imediata de escritor [...] Aos demais, cumpre notar um curioso detalhe; só é considerado *engagé* e comprometido merecer de censura e culpado de manchar a pureza da literatura, quem se compromete com o povo e se engaja nas batalhas da libertação de povos e países nas lutas pela modificação da sociedade atual [...] Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e orgulho-me dessa parcialidade. (AMADO, 1961).

O pesquisador Antonio Manzatto (1994, p. 114) apresenta Jorge Amado como “um escritor do povo e pelo povo”, que acredita que “a literatura pode ajudar a transformar os indivíduos e a sociedade, e por isso ele escreve para mudar”, “defender os anseios e esperanças do povo, sobretudo do povo pobre”. Ambos os autores colocam em cena o adágio apresentado pelo crítico literário José Castello (2009, p. 13), segundo o qual “literatura e vida se misturam e se alimentam”. Ao se referir a Jorge Amado com a tese de que “cada vez que escreve sobre si,

---

<sup>12</sup> “Loïc Léry est pour moi un Robin des bois, quelqu’un qui a voulu déjouer le système et en a payé lourdement le prix... [...] Il a été considéré comme un malfrat, car on n’a pas réussi à faire de lui un antihéros [...]. Pourtant, il a milité contre un système injuste qui discriminait les Antillais sur le marché du travail et dans la société en général.”

ele escreve sobre o Brasil” (CASTELLO, 2009, p. 13), Castello nos faz imediatamente espelhar a metonímia no âmbito do romance martinicano em tela. Ambos, ao escreverem sobre si escrevem sobre seus países, seus dramas, seus esgarçamentos, suas problemáticas e seus dilemas. Os dois nos legam obras nas quais o levante contra o autoritarismo do Estado se mostra flagrante: a perseguição aos comunistas e a eclosão da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas alguns meses após a publicação do romance, no Brasil, e o programa do BUMIDOM,<sup>13</sup> nos departamentos ultramarinos franceses.

O martinicano Daniel Marie-Sainte nos apresenta brevemente o BUMIDOM em suas interfaces com *Le gang des Antillais*:

O romance, como o filme, denuncia a política de “genocídio por substituição”, realizada pelo general de Gaulle e seu primeiro-ministro Michel Debré, a partir de 1960 e por vinte anos. O braço armado dessa política de esvaziamento das Antilhas colonizadas de sua juventude era o BUMIDOM (Escritório para o Desenvolvimento da Migração nos Departamentos Ultramarinos), responsável pela emissão de um bilhete de ida para cada jovem (homem e mulher) para Paris, enganando-os com promessas falaciosas de uma vida melhor na França! (MARIE-SAINTE, 2016).<sup>14</sup>

Tabu político, tema sensível e polêmico, o BUMIDOM consistiu num programa do governo metropolitano francês, que vigorou entre 1963 e 1981, de encorajamento a migração para fins trabalhistas dos moradores dos Departamentos Ultramarinos, notadamente das Antilhas, no mar do Caribe, e a da ilha da Reunião, no oceano Índico, para a França. A promessa era a vivência de um Eldorado francês, no qual seriam ofertadas formação profissional, mediação com empregadores, melhoria da qualidade de

<sup>13</sup> Sobre o BUMIDOM, ver o artigo “Eldorado às avessas: experiência antilhana do BUMIDOM em *D’eaux douces*, de Fabienne Kanor” (ROCHA, 2019, p. 281-308).

<sup>14</sup> “Le roman, tout comme le film, dénoncent la politique de ‘génocide par substitution’ menée par le général de Gaulle et son premier ministre Michel Debré, à partir de 1960 et pendant une vingtaine d’année. Le bras armé de cette politique de vidage des Antilles colonisées de leur jeunesse a été le BUMIDOM (Bureau pour le développement des Migrations dans les départements d’outre-mer) qui était chargé de délivrer à chaque jeune (homme et femme) un billet d’aller simple vers Paris, en les trompant avec des promesses fallacieuses de vie meilleure en France!”

vida e diversas oportunidades para rápida ascensão social. O montante de martinicanos e guadalupenses que se exilaram teria ultrapassado a marca dos 100.000 habitantes, notadamente jovens. O sonho da vida na Europa se vinculava intimamente às fraturas identitárias engendradas nos séculos de empreitada colonial. É importante a precisão de que as ilhas caribenhas em questão não se tornaram independentes ao término do período imperialista nas Américas. À revelia das colônias coirmãs na África e Ásia, que travaram sangrentas lutas pela independência nas décadas de 1950 e 1960, os governos locais da Martinica e da Guadalupe optaram por se tornarem departamentos franceses de além-mar, o que ocorreu legalmente em 1946.

Não tardou para que o programa se tornasse um pesadelo para os caribenhos: os postos de trabalho se limitavam a tarefas consideradas subalternas e mal remuneradas; não havia cursos técnicos nem formação profissional; as moradias eram precárias e superlotadas; os exilados receberam apenas o bilhete de ida e não estava previsto o bilhete de retorno; não havia políticas públicas de acolhimento e apoio para os ultramarinos em solo europeu; os embates culturais imperaram. Na prática, jovens antilhanos foram tirados de suas famílias para executarem trabalhos subalternos a milhas de distância da origem e sem possibilidade institucionalizada de retorno. Dado seu caráter indecoroso e repudiável, o programa foi comparado a uma nova escravização. Para além de todas as decepções, a estadia na França metropolitana tirou o véu que encobria o racismo e o preconceito, fazendo com que os antilhanos se descobrissem cidadãos franceses de segunda categoria. Eram perseguidos e humilhados pela pele negra ou mestiça, pela pronúncia, pelo ritmo frasal, pelo uso constante das línguas crioulas, pelas vestimentas e pelas manifestações culturais e religiosas.

O exílio prontamente se tornou uma cisão social e identitária cujas feridas ainda estão abertas. Muitos emigrados caíram na depressão, na prostituição ou na criminalidade. Léry partiu da Martinica no âmbito do BUMIDOM sozinho, na adolescência, ao encontro de um irmão que já estava no continente europeu. As mazelas e injustiças da nova vida o impulsionaram a integrar um grupo armado composto de antilhanos que encontra no banditismo uma resposta à ilusão criminoso propagada pela ex-metrópole. O crime se torna um grito de sobrevivência e de revolta. O romance policial de Léry consiste na primeira obra literária denunciatória deste capítulo desastroso e desonroso da história francesa. Foi uma obra

precursora que encontra ecos em textos de Raphaël Confiant, Maryse Condé, Fabienne Kanor, Françoise Dô e em músicas de grupos como o Kassav’.

A efervescência do engajamento político une sensivelmente a biografia de Jorge Amado e Loïc Léry: ambos compartilham estadias em prisões e o uso político de armas de fogo sem munição. Léry militou no Movimento Independentista Martinicano (MIM) após ter cumprido sete anos de detenção em regime fechado em três presídios, dois na França metropolitana e um na Martinica. Seu julgamento ocorreu quatro anos e meio após sua detenção preventiva em um presídio de segurança máxima, o que ampliou sua revolta contra os sistemas carcerário e político franceses. Daniel Marie-Sainte, primo de Léry, presidente do Comitê Patriota do Lamentin e secretário-geral do MIM, declara que “o camarada Loïc Léry colocará sua energia a serviço de seus colegas, participando ativamente da ação sindical, a partir de 2008, a serviço do povo martinicano, juntando-se às fileiras do MIM.” (MARIE-SAINTE, 2016).<sup>15</sup>

O brasileiro foi preso diversas vezes, tendo sido o primeiro encarceramento no ano de publicação de *Mar morto*, em 1936, sob a acusação de ter participado efetivamente da Intentona Comunista no ano anterior. O livro foi uma encomenda do editor José Olympio que, sensibilizado com o ocorrido, resolve contribuir com as finanças e com a carreira do jovem escritor revolucionário. O romance foi dedicado, dentre outros, à amiga e escritora Raquel de Queiroz, que foi fichada como ‘agitadora comunista’ pela polícia pernambucana, que colaborou com a fundação do diretório cearense do Partido Comunista Brasileiro e apresentou a Amado a existência da militância partidária. A escrita desse livro está, por sinal, intimamente ligada à detenção. Amado possui sua obra profundamente transpassada pela sua atuação no Partido Comunista Brasileiro. Luis Rossi (2009, p. 23) nos lembra de que “dos mais de sessenta anos de carreira, quase 25 foram dedicados à construção de uma prática literária visceralmente ajustada aos dilemas associados ao seu engajamento no Partido Comunista Brasileiro”. De fato, entre 1933 e 1951 a obra de Amado apresentava uma estrondosa “voltagem

---

<sup>15</sup> “Le camarade Loïc Léry mettra son énergie au service de ses collègues en participant activement à l’action syndicale, puis en 2008, au service du Peuple martiniquais, en rejoignant les rangs du MIM!”



ideológica” (ROSSI, 2009, p. 23). Filiado ao Partido Comunista Brasileiro em 1932 aos 20 anos, forma-se em direito aos 23 anos e logo em seguida se dedica à escrita de *Mar morto*. O autor volta a ser preso em 1937, após a instalação do Estado Novo e a ditadura de Getúlio Vargas. Em 1942, em seguida à publicação da biografia de sua autoria sobre Luis Carlos Prestes, líder e secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, foi preso pela terceira vez. A título de curiosidade, Amado se filiou ao PCB antes mesmo de Luis Carlos Prestes, o que ocorreu em 1934. O baiano se desilude e rompe com o PCB em 1956 quando se disseminam denúncias acerca das atrocidades cometidas por Stálin durante a ditadura comunista na Rússia.

A obra do brasileiro costuma ser dividida em duas partes, tendo o romance *Gabriela, cravo e canela*, de 1958, como o divisor de águas entre ambas. A primeira parte, de vocação comunista, identifica realidades sociais distintas: a dos burgueses e a dos proletários. Nela, as desigualdades, as múltiplas explorações e as mazelas cotidianas são veementemente denunciadas. A propósito da segunda parte, podemos defini-la como menos apegada a dualidades e conflitos entre essas linhas de força estanques e impenetráveis. Nesta perspectiva, as dinâmicas religiosas afro-brasileiras, o lirismo, as sátiras, o humor e até a fantasia ganham relevância.

Outro aspecto aproxima ambos os escritores: o de armas de fogo descarregadas. Neste sentido, o advogado criminalista Marcel Manville, que advogou para Léry, afirma no prefácio da primeira edição do romance que “eles não machucaram ninguém”,<sup>16</sup> que executaram os roubos com “pistolas de brinquedo”<sup>17</sup> (1985, p. 1). Jorge Amado foi flagrado em episódio similar em narrativa do pesquisador e ensaísta Marcelo Bortoloti (2013):

No final de 1947, o escritor Jorge Amado chegou em casa depois de um dia de trabalho, desabotoou o paletó, afrouxou a gravata, retirou um revólver da cintura e colocou-o em cima da mesa. Ele era deputado federal pelo Partido Comunista, e sua mulher, Zélia Gattai, tomou um susto ao ver a arma. Jorge, que sempre fora um pacifista, disse que as discussões estavam quentes na Câmara, e o Comitê Central determinara que todos os deputados do partido

---

<sup>16</sup> “ils n’ont blessé personne”

<sup>17</sup> “pistolets d’enfants”

andassem armados para se proteger. Jorge obedeceu – mas carregava seu revólver sem balas.

Os dois escritores encarnam, assim, curiosos – e contraditórios – pacifistas com armas descarregadas a mão. Insistindo um pouco mais no delineamento entre a escrita e a violência, não seria possível silenciar o fato de que Amado sofreu censura e teve obras recolhidas das livrarias e queimadas em praça pública durante a ditadura do governo Getúlio Vargas, em episódio que rememora as atrocidades das fogueiras durante a Idade Média:

Não era um incêndio comum, mas a queima de 1.827 livros considerados ‘propagandistas do credo vermelho’, como eram chamados pelos militares que, nos dias anteriores, tinham percorrido as livrarias da cidade e apreendido quantos exemplares encontraram. Entre os livros que viraram cinzas naquela tórrida tarde primaveril em Salvador, 1.694 – mais de 90% – eram de autoria de um jovem jornalista e escritor baiano: ... Jorge Amado. [...] A perseguição às obras de Jorge Amado não era novidade. Desde cedo ele sentiu a mão pesada da censura. *Cacau*, lançado em 1933, esteve ameaçado de não ter a publicação autorizada pelo governo Vargas. Liberado graças a intervenções de amigos, vendeu em um mês dois mil exemplares, fato que catapultou o autor para a fama. A sua ficção, tida como subversiva, lhe rendeu processos, a prisão e, mais tarde, o exílio. Estava preso quando da publicação de *Mar morto*, em 1936. Novamente detido em 1937, poucos dias antes da instalação da ditadura do Estado Novo, foi na prisão que soube da queima de seus livros em praça pública, entre os quais o recém-lançado *Capitães da Areia*, que retrata o submundo em que viviam os hoje chamados meninos de rua. (RAMOS, 2012).

O binômio escrita e encarceramento aproxima as trajetórias de Amado e Léry. Enquanto este descobre na prisão a possibilidade de autoconhecimento e de redenção pela escrita, àquele é imposta a detenção como resultado da incompostura de sua ousadia e de sua transgressão política e literária. Para um, a vivência da reclusão potencializa o fazer literário enquanto para o outro se torna, inicialmente, consequência, castigo, punição. Estas penalidades, contudo, não cumprem a tarefa didática de silenciamento, de arrependimento e de renúncia literária em relação a temáticas políticas e sociais complexas e polêmicas. Muito

pelo contrário. A título de ilustração, no romance seguinte a *Mar morto, Capitães da areia*, Amado dedica a integralidade de um capítulo ao encarceramento do protagonista Pedro Bala no reformatório. Cenas detalhadas de agressões físicas e de torturas retraçam o périplo do menino na cadeia, na solitária e no trabalho no campo que antecedem a apoteótica fuga. No isolamento, o garoto exalta a bravura dos homens do povo que lutam pela liberdade: “Lampião mata soldado, mata homem ruim. Pedro Bala neste momento ama Lampião como a um seu herói, a um seu vingador. É o braço armado dos pobres no sertão. Um dia ele poderia ser do grupo de Lampião também” (AMADO, 2008a, p. 205-206). Mais adiante, o personagem faz a descoberta do valor incontornável e insubstituível da liberdade: “Lá fora é a liberdade e o sol. A cadeia, os presos na cadeia, a surra ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo. [...] A liberdade é como sol. É o maior bem do mundo” (AMADO, 2008a, p. 202-203).

Por certo, não devemos nos furtar de mencionar a alcunha de Jorge Amado “como um intérprete privilegiado do Brasil, e que permite, por meio de outras portas e janelas, revisitar esse mesmo país” (GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p. 8), seja pela violência policial, seja pela corrupção, seja pelas injustiças e desigualdades que assolam o povo, seja pelo olhar acurado para demais elementos que constituem nossa brasilidade, tarefa que desempenhou com afinco e rigor ao longo das sete décadas em que se dedicou à escrita.

No excerto abaixo, da obra *Le gang des Antillais*, Jimmy Larivière propõe uma superposição de textos que aludem aos heróis e à escrita:

*A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais. Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo... Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já*

*que o digo, vou tentar prová-lo.* (LÉRY, 2016c, p. 140-141, grifo do autor).<sup>18</sup>

Partindo-se do pressuposto de que “a citação é contato, fricção, corpo a corpo” (COMPAGNON, 2007, p. 36), Larivière acolhe na tessitura de seu livro o trecho inicial da introdução do clássico *Pele negra, máscaras brancas*, do martinicano Frantz Fanon, e com ele promove um palimpsesto, uma justaposição de discursos. A beleza do jogo cênico experienciado pelo narrador nas páginas finais do romance repousa no fato de que o trecho acolhido de Fanon coloca na boca/pluma do personagem as palavras que lhe cabem perfeitamente, compondo uma simbiose de grande valor. Ao concluir sua narrativa, Larivière se questiona acerca da relevância de sua empreitada literária diante da constatação de que ela será indubitavelmente ignorada pelos públicos aos quais se destina: os franceses metropolitanos e suas instâncias governamentais. E, mais do que isso, revela que escreve contra a imbecilidade e no intuito de desmascará-la. De fato, ao conclamar Fanon para seu texto, o narrador inscreve o manifesto político presente ao longo de suas linhas em uma linhagem de luta literária e de escrita ideológica que encontra ecos no trabalho empreendido pelo pioneiro caribenho. Escrita por Fanon quando ele tinha 25 anos e publicada dois anos mais tarde, em 1952, a obra interdisciplinar *Pele negra, máscaras brancas* consiste no trabalho de conclusão do doutorado em psiquiatria, intitulado originalmente *Ensaio sobre a desalienação do Negro* e recusado pela banca de avaliação da universidade. Fanon se doutorou com outro trabalho, mais em conformidade com as diretrizes conservadoras da Faculdade de Medicina da Université de Lyon.

Nesse estudo, o médico se debruça sobre a diáspora antilhana na França metropolitana e observa o descompasso identitário dos franceses

---

<sup>18</sup> “*l’explosion n’aura pas lieu aujourd’hui. Il est trop tôt... ou trop tard. Je n’arrive point armé de vérité décisive. Ma conscience n’est pas traversée de fulgurances essentielles. Cependant, en toute sérénité, je pense qu’il serait bon que certaines choses soient dites. Ces choses, je vais les dire, non les crier. Car depuis longtemps le cri est sorti de ma vie. Et c’est tellement loin... pourquoi écrire cet ouvrage? Personne ne m’en a prié. Surtout pas ceux à qui il s’adresse. Alors? Alors je répons qu’il y a trop d’imbéciles sur cette terre. Et puisque je le dis, il s’agit de le prouver.*”

ultramarinos no Hexágono,<sup>19</sup> descompasso advindo da cor de pele. Ele acolhe em sua tese uma compilação de testemunhos colhidos durante seu trabalho psiquiátrico em escritório, depoimentos de humilhação, subordinação, subserviência, complexo de inferioridade, racismo e propõe a existência de uma nova síndrome psíquica, a ‘Psicopatologia do negro’. Fanon estuda as limitações da liberdade e as fronteiras da hospitalidade que dificultam a tarefa de se ser quem se é, quando se é um francês de pele negra oriundo do Caribe, o que denuncia tanto as “sequelas” (SCHËLCHER, 2008, p. 191) do processo de colonização quanto as dificuldades da descolonização de pensamentos, saberes e práticas. Dito de outra maneira, ele estuda os traumas que aprisionam os antilhanos em teias de rebaixamento capazes de golpear o amor-próprio e incidir sobremaneira na formação identitária e no equilíbrio psíquico. Neste sentido, o texto de Léry vai ao encontro do ensaio de Fanon por considerar que a “desigualdade afeta, vigorosamente, os países periféricos e de passado colonial” (SCHWARCZ, 2019, p. 126), por denunciar a hipocrisia de relações entre metrópole e ex-colônia, e por apontar os numerosos prejuízos oriundos desta conturbada vinculação.

Ao propor o diálogo textual entre Fanon e Larivière, Léry coloca por terra os depoimentos acolhidos no início deste artigo de que seria menos um intelectual do que uma testemunha dos fatos narrados. Ao se permitir um diálogo com uma obra de envergadura e relevância incontestáveis para várias áreas do conhecimento e, sobretudo, ao fazê-lo no intuito de evidenciar a meta-escrita, uma reflexão sobre os procedimentos e o alcance de sua escrita, desvela seu caráter nada ingênuo de escritor atento às técnicas de seu ofício. Trechos da obra fanoniana jogam luz sobre o romance *Le gang des Antillais*, tamanha a sintonia de dores, traumas e buscas que exibem. De início, se impõe a máxima libertária “uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer” (FANON, 2008, p. 108), capaz de resumir o romance policial no qual um criminoso inscrito sob o número “87.696” (LÉRY, 2016c, p. 11) se recusa a aceitar sua invisibilidade e sua homogeneização na cadeia para dar a conhecer o homem por detrás do meliante, a história por detrás dos roubos e a fratura histórica

---

<sup>19</sup> Em francês, o termo *Hexagone* é usado para se referir à França, através da menção a seu formato geométrico nos mapas, um polígono de seis lados. Propomos, então, em português, o uso de ‘Hexágono’ para se referir a este país europeu.

herdada da colonização e de seus desdobramentos. Nasce com o texto – e pelo texto – a biografia romanceada de Jimmy Larivière mediada pelo encarceramento de seu autor.

Outra passagem de Fanon dialoga de perto com a obra:

‘Preto sujo!’ Ou simplesmente: ‘Olhe, um preto!’ Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodí. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (FANON, 2008, p 103).

Assim, ao reunir os farelos de outro eu, Larivière se reinventa, questiona, subverte o sentido “natural” das coisas e se indaga sobre a complexa relação da sociedade com a alteridade, a diferença, a cor da pele. Sua explosão atenta para o fato de que a criminalidade cometida durante os roubos sucede a criminalidade do racismo, o esmagamento da indiferença e a ignorância ao direito inalienável da cidadania em sua plenitude.

Outro aspecto desse acolhimento de uma passagem da obra de Fanon merece nossa atenção. Trata-se da única obra cujo trecho foi incorporado na narrativa de Larivière, a única obra lida na cadeia que foi convocada para um novo corpo textual. O narrador deseja compartilhar o prazer da leitura, a fruição em se perceber contemplado, representado, vivo. Em suas palavras: “a leitura acabava de me fazer compreender que estava errado de negligenciá-la pois ela era o *poteau-mitan*<sup>20</sup> da evasão espiritual”<sup>21</sup> (LÉRY, 2016c, p. 70). Outro livro citado por Larivière é

<sup>20</sup> O termo faz alusão à viga de sustentação do telhado em casas crioulas. De maneira metafórica, associa-se ao *poteau-mitan* as ideias de força, sustentação, centralidade, esteio, sobretudo no que se refere às mulheres, às mães, ao feminino.

<sup>21</sup> “la lecture venait de me faire comprendre que j’aurais eu tort de la négliger car elle était le poteau-mitan de l’évasion spirituelle.”

*Discurso sobre o colonialismo*, do martinicano Aimé Césaire, no qual Politik, líder da gangue dos antilhanos, estava mergulhado dias antes do assalto derradeiro à agência bancária. A importância desses dois livros, clássicos caribenhos e universais que radiografam criticamente o colonialismo, inscreve o drama de Jimmy num trauma global que merece ser exposto, lembrado. Impulsionados pela máxima de que “repetir” significa ‘conferir certeza’” (SCHWARCZ, 2019, p. 44) e de que a função da história é “deixar um lembrete’ sobre aquilo que se costuma fazer questão de esquecer” (SCHWARCZ, 2019, p. 229), os autores cotejam seus escritos à história pós-colonial e priorizam fatos que poderiam ser obnubilados.

Tal procedimento aponta para a atualidade da discussão de Fanon mesmo após mais de três décadas da publicação de *Pele negra, máscaras brancas* e escancara o fato de as questões coloniais e seus legados serem ainda feridas abertas na ordem do dia. Em um momento de intensa fragilidade, confinado, desprovido de sua rotina, seus familiares e seus amores, Larivière encontra receptividade em Fanon, um martinicano que também sofrera as dificuldades da pós-colonização na Europa. Rasuradas as grandes diferenças entre ambos na esfera dos estudos e dos bens materiais, haja vista a origem elitista do médico, através dele o presidiário descobre martinicanos para além do seu círculo parisiense de crimes. Ao invés de uma gangue de antilhanos, se desvendava para ele um intelectual antilhano, um médico que militava com as palavras, que reagia às mazelas com estudo, racionalidade. Apresenta-se para o detento a imagem idílica de uma Martinica robusta, vitoriosa, libertária, uma ilha de cujos pares poderia se orgulhar, imagem imediatamente oposta ao presente austero na França. Por ter partido da América muito jovem, Léry acaba por estreitar seus laços com a terra natal à distância e seu personagem não hesita em valorizar a Ilha das flores. Liko, um dos integrantes da gangue, decreta sua saída do grupo: “me mando amanhã para casa...”<sup>22</sup> (LÉRY, 2016c, p. 124), “velho irmão, agora tenho grana suficiente para levar uma vida tranquila em casa; não quero mais ser escravo dos explosivos...”<sup>23</sup> (LÉRY, 2016c, p. 124). Larivière retrata os efeitos do uso de entorpecentes em sua cela:

---

<sup>22</sup> “je me casse demain au pays.”

<sup>23</sup> “vieux frère, maintenant j’ai assez de caillasse pour mener une vie tranquille au pays; je ne veux plus être l’esclave du pétard...”

o céu desceu sobre a terra, me deixando escorregar sobre suas nuvens para aterrissar na Bela Martinica. Eu vi a cuspidora de fogo, a nomeada montanha Pelée. Ela me permitiu captar seu poder. Eu pude retornar até meu rio onde me ajoelhei para lhe implorar perdão. Ela me iniciava em sua magia delgressiana.<sup>24</sup> Eu lhe jurei respeitar sua vontade. Ela me cobriu de sua benção... (LÉRY, 2016c, p.30-31).<sup>25</sup>

As duas passagens acima evocam a Martinica como destino sonhado, paraíso afetivo capaz de encarnar todas as potencialidades de um lar. Liko rouba para poder retornar a seu país natal e Larivière quando acessa uma realidade paralela, se direciona para as paisagens e personagens de sua ilha. Por certo, é do desejo de regressar à origem que este e aquele tiram forças e coragem para enfrentar a dureza cotidiana, a inadequação e a vulnerabilidade sociais. Seria possível imaginarmos os personagens divagarem em sonhos de integração e de triunfo em território de gauleses. Diferentes entraves, tal como do rebaixamento social e a verdadeira cisão de classes e de tons da pele denunciam que esta batalha estaria perdida de antemão. Sendo assim, que a França se reduza à terra da aquisição do dinheiro, mesmo que sob violência armada. Que ela seja apequenada para caber na pequenez de sua hospitalidade. Assim, o sonho do Eldorado europeu acaba por descortinar as qualidades do país natal e se curvar à infeliz constatação de que a nacionalidade francesa dos Antilhanos se restringe a uma cidadania de segunda classe em solo europeu.

Respeitadas todas as proporções, podemos aventar a equação de que Frantz Fanon está para Loïc Léry assim como Lampião está para Jorge Amado. Ao nos lembrarmos de que a citação realiza uma “sobrevivência” (COMPAGNON, 2007, p. 12), os escritores reatualizam seus heróis e

---

<sup>24</sup> O nome remete ao soldado, militante e líder abolicionista martinicano Louis Delgrès (1766-1802). Delgrès foi chefe da resistência guadalupense quando das tentativas de restabelecimento da escravidão, por iniciativa de Napoleão Bonaparte, no arquipélago caribenho. Na iminência da derrota das forças de resistência, seu suicídio ao lado de 300 insurgentes se fez acompanhar das palavras de ordem “viver livre ou morrer”.

<sup>25</sup> “Le ciel descendit sur la terre, me laissant glisser sur ses nuages pour atterrir sur la Belle Martiniquaise. Je vis la cracheuse de feu, nommée montagne Pelée. Elle me permit de scruter sa puissance. Je pus parvenir jusqu’à mon rivage où je m’agenouillai pour lui implorer le pardon. Elle m’initia à sa magie delgressienne. Je lui jurai de respecter sa volonté. Elle me vêtit de sa bénédiction...”



fazem questão de evidenciar que caminham sobre estradas trilhadas anteriormente por seus gurus, suas referências em matéria de engajamento político e de luta, seja ela armada, seja ela com as palavras ou seja das duas formas. É mister ressaltarmos que Lampião e Fanon participaram da luta armada contra o poder instituído, foram guerrilheiros e a despeito do pacifismo insólito de Amado e Léry, o fizeram com revólveres carregados, e bastante carregados. Lampião (1898-1938), apelido de Virgulino Ferreira da Silva, foi um cangaceiro que, após o assassinato de seu pai, tornou-se justiceiro e se insurgiu contra os desmandos dos coronéis no sertão nordestino. Liderava um grupo rebelde cujos roubos, saques e sequestros subvertiam a hierarquia social segundo a qual o povo deveria se resignar aos desmandos e caprichos do senhorio local. Por sua vez, Ibrahim Frantz Fanon (1925-1961) abandona a medicina e se dedica intensamente à luta anticolonialista na África. Ele renega a nacionalidade francesa, adota a identidade argelina e integra a Frente de Liberação Nacional da Argélia em 1954, lutando ao lado dos argelinos pela independência da colônia francesa. Ocupou em 1959 o cargo de embaixador itinerante na África negra e se dedicou exaustivamente para a queda do colonialismo no continente africano.

## **2 Dos sonhos interditados à criminalidade: estudo de casos**

Nesta parte nos propomos a focalizar o momento em que os personagens Guma, de *Mar morto* e Jimmy Larivière, de *Le gang des Antillais*, adentram na esfera da criminalidade. Buscamos compreender as motivações que os levaram a cair nas armadilhas do banditismo, atentar para suas percepções durante e após a execução dos crimes, sem deixar de examinar suas consequências e implicações. Nós nos interessamos na análise da díade vulnerabilidade social e delinquência na tentativa de compreender de que maneira se coadunam as escolhas individuais e os fatos coletivos, os fatores internos e externos. Trata-se de estudar duas facetas da palavra marginalidade, tanto na acepção de estar à margem, deslocado, apartado, quanto no sentido de criminalidade, banditismo. Questionamo-nos acerca da distinção, da complementaridade ou da imbricação entre as duas noções.

Para nosso estudo de casos, traçamos o perfil dos criminosos nas obras em tela: homens humildes, falidos, em busca de dinheiro para honrar os compromissos, casados, com filhos, desesperançosos, sem

antecedentes criminais, cientes de que estão incorrendo em delitos e que, a despeito de se sentirem envergonhados, vislumbram no banditismo a única saída possível naquele momento. Os dois adentram no mundo da transgressão a partir do convite/da oferta de terceiros, deixando-se enredar numa dinâmica na qual o delito se apresenta como solução aparentemente fácil, de rápido resultado e grande eficácia.

Outro ponto de contato reside no fato de que os homens não compartilham com suas parceiras a tomada de decisão pela criminalidade e silenciam a execução das infrações, jogando, assim, para baixo do tapete qualquer necessidade de convencimento, de justificativa ou de retratação. Adotam a postura de silenciamento dos fatos, obliterando o desvio, reafirmando a credibilidade como homens de caráter, esteios de família. Demonstram igualmente ingenuidade ao imaginarem não ser necessário revelar a origem da verba irregular. Um e outro manifestam a esperança de se reerguerem prontamente com o dinheiro obtido para encerrarem este capítulo nebuloso de suas trajetórias e retomarem a lisura de vidas honestas. Quando iniciam suas ações no mundo do crime, apostam na efemeridade das malfetorias, porém caem na tentação do retorno financeiro imediato e da pronta solução dos problemas e se autorizam a flexibilizar a promessa de outrora. Não obstante, não estamos diante de meliantes de carreira, sem escrúpulos, dispostos a matar e a cometer qualquer outra insanidade em prol do lucro, da vantagem, da glória. A este respeito, vamos, mais adiante, iluminar a trajetória de Jimmy Larivière para desvendar a sequência de seus crimes e descobrir o porquê de ter persistido na marginalidade. De fato, ao assumir o estado francês como inimigo a ser combatido, deixa de priorizar recompensas financeiras e se dedica à promoção de reparações históricas.

No que concerne à natureza dos crimes cometidos, surgem práticas destoantes. Guma se curva ao contrabando de produtos importados enquanto Larivière comete assaltos à mão armada a instituições públicas. Podemos mencionar como pontos divergentes na realização dos crimes o fato de que Guma trabalhava majoritariamente sozinho enquanto Larivière integrava uma gangue. No tocante às consequências dos delitos, ambos os desfechos são trágicos: em *Mar morto* o naufrágio e a morte de Guma durante o transporte do contrabando e no romance antilhano o encarceramento em prisão de segurança máxima.

Partimos da premissa de que ao acolherem a criminalidade em suas tessituras literárias, Amado e Léry apontam para o adoecimento da

sociedade, trazendo para a superfície “retratos e diagnósticos” (ROSSI, 2009, p. 24) de descompassos e desarranjos sociais. Em *Mar morto*, o narrador compõe o cenário da vida dos marítimos no cais da Bahia naqueles tempos:

A vida para os canoieiros e mestres de saveiro tinha piorado muito. Além de haver pouca carga, era época de paradeiro, as tabelas estavam muito por baixo. [...] Pouco dinheiro se ganhava e o cais nunca ouvira tanta maldição. [...] As coisas estavam ruins para todos os da beira do cais. Estavam tão ruins que os estivadores falavam mesmo em entrar em greve. (AMADO, 2008b, p. 224-225).

Nesse cenário de “vida desgraçada” (AMADO, 2008b, p. 232), Guma acabara de perder o saveiro Valente em um naufrágio e Lúvia acabara de dar à luz Frederico, filho do casal. A solução foi recorrer aos amigos para adquirir um novo saveiro, o Pacote voador. Cobrado pela dívida, o personagem esmorece:

Vocês sabem que eu não tenho nada tirando aquele barco, que nem é meu direito, devo ele quase inteirinho. Devo a você, ao doutor Rodrigo. Se eu ficar sem o barco o que é que deixo pra meu filho? A gente não vive muito, um dia cai um temporal, a gente vai embora. Ainda quem não tem filho nem mulher... (AMADO, 2008b, p. 232).

Os dois fragmentos perfazem as mazelas dos trabalhadores do cais e acentuam a faceta de “intelectual orgânico” de Amado, que deixa visível a “dimensão pedagógica” de seu trabalho (SILVA, 2006, p. 62). Por um lado, eles têm remuneração incerta e ficam à mercê das marés, da época do ano, dos contratantes. O caráter precarizado do trabalho autônomo lembra que, ao contrário dos estivadores, não podem lançar mão do recurso da greve. Só recebem se trabalharem e na proporção do trabalho empreendido. Desconhecem benefícios como folgas e férias. Levam uma vida marcada pelo imediatismo e pela circunstancialidade, sendo-lhes negado o direito de economizarem recursos para realizarem sonhos futuros. Em outras palavras, não nos parece leviano preconizar que lhes é negado o direito ao sonho, o direito a ter direito, o direito a ser, plenamente. Por outro lado, ocupam lugares de subalternidade na ciranda social, posto que vivem afrontando perigos e colocando em risco sua integridade física quiçá sua vida. São apresentados como

aqueles que vivem pouco e demonstram consciência tanto da pequenez/ insignificância no sistema quanto da efemeridade de sua existência. Parecem descartáveis, facilmente substituíveis, homogeneizados na transparência de suas frágeis existências. E por serem mais efêmeros do que outros, preocupam-se constantemente com o destino de sua família quando desaparecerem em alguma tempestade.

Tudo isso posto, Guma recebe a visita de Toufick, um rico comerciante árabe que lhe promete alta e rápida recompensa financeira para o transporte ilegal de produtos para sua loja. O narrador evidencia seus conflitos afetivos e morais:

Guma pensou em Lívia, que a estas horas estaria em casa angustiada. Ela nunca pudera se conformar com a vida dele. Principalmente depois do desastre do *Valente* vivia numa eterna agonia, esperando ver Guma chegar morto no fim de cada viagem. Se então ela soubesse que ele estava de agora em diante metido no contrabando de sedas nunca mais teria um momento de sossego, porque ao receio da morte no mar se juntaria o medo da prisão. Guma jura que abandonará o negócio logo que pague o saveiro. [...] Irá pagar tudo o que deve a João Caçula e dirá que pegou emprestado. Depois só restará o dr. Rodrigo mas esse não o importunava. Com duas viagens mais, terá pago o barco. (AMADO, 2008b, p. 237).

Nesse trecho, destacamos o fato de ser permitido a Guma, pela primeira vez na narrativa, sonhar, planejar e vislumbrar uma vida ajustada. Sonhos mundanos de felicidade e alívio que lhe arremessam sem rede de proteção na teia da marginalidade. Após a primeira noite de contrabando, ouve do amigo o seguinte conselho: “Toma cuidado. Se esse negócio rebentar é um escândalo danado. Com Murad não acontece nada, ele tem mais de dez mil contos, se arranja. Mas o pau vai rolar nas costas dos pobres como tu. Toma cuidado” (AMADO, 2008b, p. 242-243) e em diálogo com o corruptor nos acertos para o segundo contrabando, retoma a fala do companheiro: “...ao senhor não vai acontecer nada. O senhor é podre de rico. A coisa cai é em cima de mim” (AMADO, 2008b, p. 244). A recomendação do amigo descortina a relação de forças e a luta de classes na sociedade brasileira. Sabendo-se, como propaga o dito popular, de “que a corda arrebenta sempre do lado mais fraco”, Guma se sujeita a possível acusação de único culpado em um esquema de corrupção muito maior do que si. Sob a batuta do poder

e do dinheiro, o corruptor se salvará de modo quase incólume ao passo que sobre o corrompido incidirão o rigor da lei e de todas as penalidades legais cabíveis. A menção ao “pau nas costas” aproxima o drama de Guma ao drama da escravização, no qual os escravizados sofriam toda sorte de agressão e opressão para aumentar o lucro de seus proprietários, o que reforça o mote colonial do sofrimento coletivo para o benefício de poucos “eleitos”. Em sociedades pós-coloniais fortemente desiguais no âmbito das oportunidades e da distribuição de renda, o acerto de contas com as leis recai invariavelmente sobre os mais vulneráveis. A partir dessa perspectiva, eles são duplamente vítimas, quer seja dos corruptores abastados, quer seja dos órgãos de manutenção da ordem pública, que parecem seguir um protocolo enviesado para distinguir “cidadãos de bem” e criminosos. A antropóloga Lilia Schwarcz defende a tese de que

o longo período da pós-emancipação, o qual, de alguma maneira, não acabou até agora, levou à perpetuação da exclusão social herdada dos tempos da escravidão, pois não houve investimentos na formação dessas populações recém-libertas ou em sua capacitação para competir no mercado de empregos. O resultado, tantos anos depois, é um país que gosta de se definir a partir da mestiçagem e da inclusão cultural [...] mas desenvolve um racismo dissimulado, cuja prática inclui o ato de delegar à polícia o papel de perforar a discriminação. (SCHWARCZ, 2019, p. 178).

Em um país onde criminosos têm, *a priori*, classe social – pobre – e cor da pele – mestiços e negros – definidas, a impunidade continuará em franca ascensão. Jorge Amado, ao retratar a derrapagem de Guma para a criminalidade, coloca um holofote sobre a fragilidade de uns e o protecionismo de outros, evidenciando como o coronelismo continua em alta na sociedade ditando as regras que separam o certo do errado, o joio do trigo. E tudo isso transpassado por uma dinâmica maniqueísta enraizada no seio da sociedade, segundo a qual os joios são sempre os mais desamparados. O crítico literário brasileiro Antonio Candido defende o princípio de que, por intermédio dos textos teóricos e literários dos anos 1930, “o Brasil começou a se apalpar”, “a voga dos estudos sociais correspondia ao grande desejo que o Brasil tinha de se conhecer” (CANDIDO, 2001, p. 6). E Jorge Amado, ao escrever *Mar morto* em 1936, se insere justamente nesse momento de concepção da brasilidade e de delineamento das agruras do povo. Guma, o herói de sua narrativa,

se vê enredado numa constituição social elitista que o exclui, fragiliza e estigmatiza sob a alcunha de meliante, fora de lei. Tudo leva a crer na existência de um ciclo vicioso perverso que acaba por espoliar a dignidade e os sonhos das camadas mais populares da sociedade. Ao se inserir na dinâmica da criminalidade, Guma se equilibra com mais dificuldade em uma corda bamba, precisando se esquivar das desconfianças da esposa e se tornando um mentiroso compulsivo. Uma degeneração de múltiplas ordens se adiciona à penúria financeira e ao esgotamento do passado recente.

“O filho no quintal chorou” (AMADO, 2008b, p. 237), eis a descrição do narrador quando Toufick deixa a casa de Guma levando consigo o aceite do saveireiro para trabalhar no contrabando. O choro do rebento antecipa a queda do herói, sua derrocada. Quando Livia descobre o trabalho clandestino do marido, Guma se defende: “tu não vê que a gente não tinha outro jeito de se desenterrar?” (AMADO, 2008b, p. 246). Difícil não nos curvamos ao impacto provocado pela precisão dolorosa do verbo ‘desenterrar’. Como já foi dito, Guma vislumbra na criminalidade um meio de voltar à vida, de deixar de sobreviver como um enterrado-vivo rumo ao suspiro derradeiro. O que lhe escapou, todavia, foi a dimensão de que o banditismo o encerraria ainda mais nesse subterrâneo social – e moral. O colapso de Guma foi narrado em detalhes no romance: “Estava carregado demais. Virou como se fosse um brinquedo na mão do mar. Os tubarões vieram de alguma parte, eles estão sempre próximos dos naufrágios. Guma viu Toufick se debatendo. Pegou o árabe pelo braço, e jogou nas suas costas. E nadou para o cais” (AMADO, 2008b, p. 252). Depois do salvamento de Toufick, Guma descansa na areia quando recebe as súplicas de Murad, coordenador-geral do contrabando, para salvar o filho Antônio que estava no mar: “Vá lá salvar ele. Vá. Lhe dou tudo o que quiser. [...] Você também tem um filho. Vá, pelo amor de seu filho” (AMADO, 2008b, p. 252). O herói não poderia se furtrar ao clamor de um pai:

E chega a tempo de ver Antônio ainda seguro no casco do saveiro que está virado, parecendo o corpo de uma baleia. Pega o rapaz pelos cabelos e recomeça a travessia. O mar o impele. Os tubarões, que já devoraram Haddad, vêm no seu rastro. Guma traz a faca na boca, Antônio seguro pelos cabelos. (AMADO, 2008b, p. 253).

Antônio em solo firme, “Guma quer ir também. Mas a rabanada do tubarão o obriga a voltar-se, a faca na mão. E luta ainda, ainda fere um, o sangue se espalha na água revolta. Os tubarões o levam para junto do casco emborcado do Pacote Voador” (AMADO, 2008b, p. 253). Em sua última aparição no romance, o herói reitera a distinção de classes privilegiada ao longo do livro: de um lado os donos do poder representados por Murad, Toufick e Antônio que saem traumatizados, mas ilesos fisicamente. Do outro, o marítimo sem vida, após ter retornado ao mar para salvar o filho do patrão. Para que Murad não perdesse o filho, herdeiro de seus negócios, Lívia não reverá o marido, nem Frederico o pai. E, Guma, que buscava se desenterrar através do contrabando, foi tragado pelo mar, dilacerado por tubarões, sendo negado a si mesmo e a seus amigos e familiares o direito do velório e do enterro, rituais de luto. O sumiço do corpo, sua desintegração acentuam o definitivo apagamento social daquele que lutava para ser desenterrado. Sua pequenez se reduziu ao ponto mais baixo e se pulverizou, se desintegrou. Em pouco tempo, será prontamente substituído por outro marítimo igualmente endividado e desesperado, dando continuidade à fria engrenagem dos comerciantes...

“Nada restará de Guma. Somente uma história que o velho Francisco legará aos homens do cais quando for com Janaína” (AMADO, 2008b, p. 259), profetiza o narrador para, em seguida, se contradizer: “ele morreu salvando dois, teve a morte mais heróica do cais, a morte dos filhos prediletos de Iemanjá. Deixou fama bonita, foi um mestre de saveiro como poucos” (AMADO, 2008b, p. 260). Ora, as circunstâncias da morte de Guma acentuam sua fama de herói: homem provedor, humilde, amoroso, generoso, piedoso, solidário, trabalhador, que coloca o bem-estar alheio na frente tanto de seus desejos e vontades quanto de seu instinto de sobrevivência. Aceitou o trabalho no contrabando a contragosto pensando no bem-estar de sua família e se lançou ao mar no limite de suas forças ao ver o sofrimento de um pai prestes a perder o filho. Olhou Antônio se afogando e pensou em Frederico, na dor que seria vê-lo sendo tragado pelo mar. Nesse exato momento, a grandeza do homem popular, com erros e acertos, atinge seu clímax na obra. A coragem de Guma e seu quase-suicídio constituem atos extremamente humanos, repletos de empatia e de altruísmo que apenas ele poderia cometer naquele momento; não por ser marítimo e ter mais desenvoltura no mar que os demais, mas por ter a capacidade única de se compadecer com o sofrimento alheio e de fazer todo o possível, ou o impossível, para

amenizá-lo. Assim, a despeito do desaparecimento de seu corpo, Guma se agiganta, consagrando-se como um homem de grande valor e de integridade ímpares, digno de ser entoado nas histórias do cais da Bahia. É o único que não sairá com remorsos pela ganância material, afinal não era sua culpa o fato de o saveiro estar acima do peso recomendado. É o único que não sairá com pesares por ser autocentrado, visto que colocou a segurança de todos os demais antes da sua, em um raro exemplo de alteridade.

Nas palavras de José Castello (2009, p. 14),

nesse livro, a imagem destemida do homem brasileiro se engrandece ainda mais. Ele agora não é só um lutador, mas um homem que – como o herói Guma, que se afoga no mar – se aproxima do mito. Um herói que, reencenando os relatos da *Odisseia*, de Homero, enfrenta as forças da natureza e as armadilhas do destino nelas guardadas, e sai fortalecido.

Sai fortalecido porque irá povoar histórias como um homem valente cuja bravura será exaltada pela esposa, que assume a condução do saveiro e refaz as pazes com o mar, compreendendo que “para se sentir novamente com Guma terá que vir ao mar” (AMADO, 2008b, p. 268). Em suas derradeiras palavras, o narrador acompanha a viagem de Lívia e afirma que “a luta era seu milagre” (AMADO, 2008b, p. 272). Um final bem à imagem das obras engajadas de Jorge Amado, sobretudo daquelas inscritas sob a rubrica do romance proletário da década de 1930. Em *Mar morto*, Amado aponta para a desigualdade de oportunidades, para a vulnerabilidade social, para o capitalismo devorador. Sua obra nos permite ler o desvio de conduta como um capítulo da opressão, coadunando as duas acepções da palavra marginalidade. Não se trata de dizer que toda carência leva ao banditismo. Tal leitura apenas sublinha o fato de que a tentação do crime é uma possibilidade que se abre para aqueles que têm diante de si um rol de portas fechadas.

Estas considerações finais acerca do romance de Jorge Amado encontram eco no livro de Loïc Léry. Na obra *Le gang des Antillais*, a quadrilha era formada por quatro caribenhos: Politik, Mólókoye, Jimmy e Jackson, sendo Jimmy o mais jovem. Mólókoye, o primeiro a ser capturado na fuga da cena do crime, delatou os demais, que foram presos em 12 de outubro de 1979. Apenas o último obteve sucesso na fuga e se manteve em liberdade. O grupo assaltou durante quase um



ano mais de vinte agências dos correios e foi interceptado pela polícia quando da tentativa do primeiro assalto a uma agência bancária do Crédit Lyonnais, localizada perto da estação de metrô Villiers, no noroeste de Paris. Durante o processo criminal, a gangue foi reconhecida por 92 testemunhas (LÉRY, 2016c, p. 84) e condenada à pena em regime fechado. O julgamento de Jimmy ocorreu quatro anos após a reclusão. Ele recebeu sentença condenatória de sete anos, sendo que mais da metade da pena já havia sido cumprida na cadeia de segurança máxima e maior centro penitenciário europeu, a prisão de Fleury-Mérogis, nos arredores de Paris.

A formação da gangue, que marca o acesso do narrador Jimmy Larivière para o mundo do crime, se mostra intimamente imbricada com a experiência do “sonho tópico” (LÉRY, 2016c, p. 110)<sup>26</sup> do BUMIDOM. Politik, futuro chefe da gangue e amigo de Jimmy, não obtém ajuda financeira do governo francês quando do falecimento de sua mãe, na Martinica. O programa migratório previa apenas passagens de ida para os exilados ultramarinos (DUMONT, 2010, p. 13). O filho não consegue arcar com os custos do seu deslocamento. A privação do direito de participar dos rituais funerários crioulos se torna o estopim para a criação do grupo armado:

O pior é que ele, trabalhador assíduo, não tinha dinheiro suficiente para retornar ao país natal para assistir ao enterro de sua querida mãe. A partir de então, a vida não teve nenhum sentido para ele. Deixou o trabalho e a casa para ficar pelas ruas, como um vagabundo. Sua cabeça se encheu de perguntas do tipo: ‘por que trabalhar se meu salário não me permite ir dar adeus à minha mãe?’, ‘por que ser um homem honesto em uma sociedade que só me aceita como peão? [...] – Irmão é tudo ou nada, estou me lixando agora! (LÉRY, 2016c, p.114-115).<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> “Rêve utopique.”

<sup>27</sup> “Et le pire est que lui, travailleur assidu, il n’avait pas suffisamment d’argent pour retourner au pays afin d’assister à l’inhumation de sa mère chérie. Dès lors, la vie n’a eu aucun sens pour lui. Il a laissé travail et logement pour déambuler dans les rues, tel un vagabond. Sa tête s’est remplie de questions du genre: ‘pourquoi travailler si ma paye ne me permet pas d’aller dire adieu à ma mère?’, ‘pourquoi être un homme honnête dans une société qui ne m’accepte qu’en pion? [...] – Frère c’est tout ou rien, j’en ai rien à foutre maintenant!”

O falecimento da matriarca acentua uma ruptura e desnuda a fragilidade de relacionamento entre antilhanos e franceses metropolitanos. A ausência da mãe e o impedimento de exercer plenamente o luto extrapolam a vida de Politik e metonimizam a experiência de orfandade que atinge os antilhanos exilados no âmbito do BUMIDOM. A vivência desastrosa de vulnerabilidade e a falta de empatia experienciadas na França metropolitana se impõem. A rigor, o “filho” se descobre ilegítimo, bastardo, indesejado, intruso. A ida à França anteriormente concebida como ascensão ao Eldorado europeu passa rapidamente a acumular atropelos, afastamentos e decepções. O desejo de acolhimento cede lugar ao desencantamento atroz e à revolta. Na parte final do romance, Larivière sentencia: na cadeia “ele aceita sua realidade, uma vez que não foi nem será jamais francês” (LÉRY, 2016c, p. 150).<sup>28</sup> Assim, o BUMIDOM retoma as feridas abertas do passado colonial e provoca cisões ainda mais profundas entre os franceses ultramarinos e os metropolitanos, trazendo à superfície hierarquias de diferentes camadas identitárias que insistem em apartar os caribenhos e os europeus sob a tutela do governo francês.

Como se vê, a formação da quadrilha remonta ao inegável descompasso dos antilhanos em solo francês na Europa. Em situação de vulnerabilidade, desempregados ou relegados a postos considerados subalternizados e de modesta remuneração, vítimas de racismo, preconceito e desprezo, os antilhanos descobrem na revanche criminal uma maneira de atenuar seus infortúnios e atacar a ex-metrópole. Segundo o narrador, as ações da gangue buscam remediar “meus irmãos de sangue que morrem de fome na sujeira da França” (LÉRY, 2016c, p. 143).<sup>29</sup> A premissa se mostra muito clara: decidem atacar instituições governamentais. Para tal, nunca promoveram assaltos contra pedestres, usaram armas de brinquedo e jamais machucaram alguém. A princípio, ensejavam reunir o dinheiro necessário para retornarem à terra natal, como confessa Jimmy: “sonho roubar uma boa grana e em seguida voltar para casa, abrir um negócio e depois que se dane a França!” (LÉRY, 2016c, p. 134).<sup>30</sup> O sucesso da empreitada prolonga o ímpeto inicial e descortina a satisfação em devolver, em alguma medida, a violência reiteradamente

---

<sup>28</sup> “il accepte sa réalité, à savoir qu’il n’a jamais été et ne sera jamais français.”

<sup>29</sup> “mes frères de sang qui crèvent de faim dans la saleté de France.”

<sup>30</sup> “je rêve de faire un coup de plusieurs bâtons, et ensuite de bouger au pays, ouvrir un truc, et puis merde à la France!”

infligida aos espaços ultramarinos e seus moradores. As dores do passado colonial e do presente no BUMIDOM se sobrepõem. Trata-se de um acerto de contas de ontem e de hoje que busca fazer uso da força para intimidar e saquear o estado francês. Usurpar, com arma em punho, a qualidade de vida falsamente prometida. A empreitada revanchista se evidencia nos seguintes trechos: “ia simplesmente recuperar uma ínfima parte do que era devido. Uma ínfima parte deste dinheiro que me devia a França...” (LÉRY, 2016c, p. 121),<sup>31</sup> “é um cara que tem por princípio que não é francês, que sua raça foi e continua a ser massacrada pelos franceses e que enquanto ele puder roubar o governo francês, ele o fará com prazer” (LÉRY, 2016c, p. 125-126),<sup>32</sup> ... “já que ele estava na merda, a canalha da França não parava de lhe estragar a cabeça” (LÉRY, 2016c, p.133)<sup>33</sup> e “não queria mais o dedinho do estado. Queria a mão inteira” (LÉRY, 2016c, p.135).<sup>34</sup>

A gangue dos antilhanos reúne “os que nasceram ao lado de uma lixeira” (LÉRY, 2016c, p. 124),<sup>35</sup> homens definidos majoritariamente pelo prisma das provações e da indignação: “sem pátria, sem território, mas também sem domicílio, sem trabalho, sem documentos, sem direito a um espaço de fala” (CHERKI, 2015, p. 15).<sup>36</sup> Neste sentido, podemos fazer alusão à noção de “contraviolência” (1968, p. 69), delineada por Frantz Fanon. Em sua obra *Os condenados da terra*, Fanon (1968, p. 69) defende que “o desdobramento da violência no seio do povo colonizado será proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado”. A aproximação entre o BUMIDOM e a colonização, notadamente a partir da escravização se mostra flagrante no romance de Loïc Léry, como demonstram os exemplos a seguir. O primeiro remete aos primeiros momentos de Jimmy na cadeia e o segundo faz menção ao sentimento

<sup>31</sup> “j’allais tout simplement récupérer une infime partie de mon dû. Une infime partie de cet argent que me devait la France...”

<sup>32</sup> “c’est un gars qui a pour principe qu’il n’est pas français, que sa race a été et continue à être massacrée par les Français, et que tant qu’il peut voler le gouvernement français, il le fera avec plaisir.”

<sup>33</sup> “puisqu’il était dans le caca, l’acariâtre France n’arrêtait pas de lui bousiller le cerveau.”

<sup>34</sup> “je ne voulais plus du petit doigt de l’État. Je voulais sa main tout entière.”

<sup>35</sup> “ceux qui sont nés à côté d’une poubelle.”

<sup>36</sup> “sans patrie, sans territoire, mais aussi sans domicile, sans travail, sans papiers, sans droit à un espace de parole.”

de Jimmy após um roubo bem sucedido: “Me comparei a um escravo que aceita suas correntes, enquanto basta um pouco de coragem e de dignidade para serrá-las e se aquilombar” (LÉRY, 2016c, p. 56)<sup>37</sup> e “minha fantasia de escravo tinha desaparecido. Meu medo também. Era o dono do mundo. Meu pequeno revólver falso mantinha o respeito de uns vinte clientes que tremiam de medo” (LÉRY, 2016c, p.122).<sup>38</sup>

Logo, o êxito logrado através do banditismo promove uma contundente troca de perspectivas. O antilhano subalternizado e amedrontado ascende ao primeiro plano e se torna personagem principal de uma vitória em Paris. E aos que estão na mira de sua arma, representantes da França metropolitana, só lhes resta acatar as ordens da instância de poder e se apequenar em seus receios e temores. Nesta perspectiva, os roubos se tornaram uma maneira de ganhar o mundo, abandonar a roupa da invisibilidade e se tornar alguém que deve ser visto, respeitado, obedecido. Durante alguns minutos, o quarteto subversivo pôde deixar de ser escravo do sistema para assumir o protagonismo a eles negado à exaustão. Ao contrário de Guma, que se envergonhava de seus malfeitos, a gangue dos antilhanos forjou nas ações criminosas uma maneira de existir, respirar, viver. A partir deste prisma, e retomando a ideia de Léry como reencarnação de Robin Hood, a gangue não deixa de se ofertar como construção dotada de heroísmo. Fanon (1968, p. 53) ensina, ao versar sobre os delitos dos camponeses ao longo da empreitada colonial, que “é inútil, evidentemente, dizer que tal herói é um ladrão, um crápula ou um depravado. Se o ato pelo qual este homem é perseguido pelas autoridades colonialistas é um ato dirigido, exclusivamente contra uma pessoa ou um bem colonial, então a demarcação é nítida, flagrante”. O pesquisador e médico acena com a aceitabilidade da violência pela população quando esta se realiza no ímpeto de revanche, de correção histórica e de justiça inadiável com as próprias mãos.<sup>39</sup> Neste caminho,

---

<sup>37</sup> “je me suis comparé à un esclave qui accepte ses chaînes, tandis qu’il lui suffit d’un brin de courage et de dignité pour les scier et marronner.”

<sup>38</sup> “mon costume d’esclave avait disparu. Ma peur aussi. J’étais le maître du monde. Mon petit revolver factice tenait en respect une vingtaine de clientes qui tremblaient de peur.”

<sup>39</sup> A este respeito, a análise da destruição da estátua do abolicionista branco francês Victor Schœlcher ocorrida em maio de 2020 em Fort-de-France, capital da Martinica, contribuiria com nossas reflexões. Trata-se de mais um contundente episódio de levante popular contra a opressão colonial. Estas manifestações não são recentes, como sabemos, mas se avolumam na contemporaneidade, na qual o pensamento decolonial

bandidos escondem sob suas capas a alcunha de heróis e de justiceiros revolucionários.

É importante assinalar que, ao contrário da trajetória do personagem inglês, a gangue dos antilhanos perde sua liberdade. Tal fato demonstra, por um lado, a efemeridade das vitórias do grupo no levante contra o sistema francês e, por outro, exhibe a primazia deste último no controle disciplinar do corpo social, uma vez que “a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 127). Acerca do sistema penitenciário, é pertinente reconhecer que “examinar o sistema prisional é também verificar em que pé nos encontramos com relação à efetividade de nossa democracia, nossos problemas com as leis, com a equidade social, com as diferenças de gênero e com a discriminação racial” (LOURENÇO, 2013, p. 7). Jimmy e os antilhanos emigrados no âmbito do BUMIDOM acabam por viver um palimpsesto de exclusões: não são franceses o suficiente para se integrar, não são brancos o suficiente para conseguirem bons empregos e não são honestos o suficiente para viver em sociedade. Vivem as agruras da marginalidade ampla e irrestrita, ciclo vicioso que não dá trégua nem em espaço prisional, pois na cadeia, Jimmy se verá desrespeitado sistematicamente pelos funcionários e pelo juiz por causa de sua cor e de sua origem e terá de buscar o apoio de aliados para sobreviver às divisões racistas e identitárias que separam as facções na prisão.

Por fim, nossas atenções se voltam ao epíteto “gangue dos antilhanos” e ressaltam o olhar da imprensa francesa para os bandidos que a integram. O nome “gangue dos antilhanos” foi atribuído pelos periódicos que noticiavam os crimes cometidos. Os jornalistas não conheciam, por certo, a identidade dos meliantes e se fiavam nas descrições testemunhais acerca da cor da pele e de seus modos de expressão para identificá-los. Durante a ação, a gangue comunicava entre si costumeiramente em crioulo martinicano na tentativa de dificultarem a compreensão por terceiros. Por certo, a alcunha de “gangue dos antilhanos” reforça preconceitos coloniais, associando os ex-colonizados caribenhos à barbárie, à selvageria, à brutalidade, ao primitivismo e à

---

e a releitura da história ganham cada vez mais relevância. O movimento ocorrido na ilha caribenha ecoou fortemente na Inglaterra, nos Estados Unidos (sobretudo após o assassinato de George Floyd) e no Congo e trouxe à tona discussões acaloradas entre memória, patrimônio, opressão e revanchismo.

necessidade civilizatória. O termo reforça o fato de que antilhanos são – e sempre o serão – antilhanos antes de serem franceses, o que desmascara o sentimento caribenho de uma identidade de segunda categoria e o procedimento europeu de apostar nas diferenças e apontá-las com vigor. Se fosse uma gangue de parisienses, seria chamada de a gangue dos parisienses ou a gangue dos franceses? Uma passagem do romance insiste no papel sensacionalista dos jornais:

Ele me fez ver o artigo do ‘Parisien’ que tinha o costume de nos reservar algumas linhas na sua página de acontecimentos diversos: ‘A gangue dos antilhanos atacou novamente?...’ Não me apressava para ler a continuação. Conhecia a canção. As coisas nunca eram relatadas como na realidade. Exagerava-se sempre. Meu cano serrado se transformava em metralhadora e minha altura ganhava quinze centímetros. (LÉRY, 2016c, p.133).<sup>40</sup>

O trecho perfaz o olhar europeu para os ultramarinos e acena para um roteiro de insucesso e de marginalização que parece escrito de antemão para os personagens caribenhos na ex-metrópole. O reconhecimento destas dificuldades e lutas – também retóricas – não impede Jimmy Larivière de encerrar seu romance com a certeza de missão cumprida: “aqui está meu irmão, você conhece minha história” (LÉRY, 2016c, p. 150).<sup>41</sup>

Assim, *Mar morto*, de Jorge Amado, e *Le gang des Antillais*, de Loïc Léry, cartografam as sociedades brasileira e francesa no que tange aos legados pós-coloniais que incidem vertiginosamente nas hierarquias sociais, no racismo e nas segregações das cidades. A despeito das enormes diferenças entre autores, épocas, países e obras em questão, emergem romances imbricados com as realidades sociais, suas convulsões e suas feridas expostas cotidianamente. Os personagens Guma e Jimmy trazem à tona desventuras que aproximam, infelizmente, vulnerabilidade social e banditismo em espaços capitalistas brutalmente desiguais. Um e outro desvelam os meandros da invisibilidade social e

<sup>40</sup> “il me fit voir l’article du ‘Parisien’ qui avait pour habitude de nous réserver quelques lignes dans sa page des faits divers: ‘Le gang des Antillais a encore frappé?...’ Je ne m’attardai pas à lire la suite. Je connaissais la chanson. Les choses n’étaient jamais relatées comme dans la réalité. On exagérait toujours. Mon canon scié se transformait en mitraillette et on me grandissait de quinze centimètres.”

<sup>41</sup> “voilà mon frère, tu connais mon histoire.”

da marginalidade, fazendo-nos observar os rumos (ou melhor seria, os desrumos, a deriva preocupante) de sociedades adoecidas, corroídas, que solapam oportunidades, futuros e sonhos em prol da sanha do lucro, do progresso e da premissa do sofrimento de uns para a manutenção do paraíso de outros.

## Referências

AMADO, J. *Cacau*. 37.ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

AMADO, J. *Capitães de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

AMADO, J. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: ABL. [Portal da Academia Brasileira de Letras]. Rio de Janeiro: [s.n.], 1961. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse>. Acesso em: 2 mar. 2020.

AMADO, J. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

BARNY, J. C. Entretien avec Jean-Claude Barny. In: LE GANG des Antillais. Paris: Happinness, 2016. Dossier de presse. Disponível em: <https://medias.unifrance.org/medias/9/145/168201/presse/le-gang-des-antillais-dossier-de-presse-francais.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BORTOLOTI, M. Segredos de Jorge Amado. *Época*, Rio de Janeiro, 6 dez. 2013. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/12/segredos-de-bjorge-amadob.htm>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CANDIDO, A. Entrevista com Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001. Entrevista concedida a H. Pontes. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300001>.

CASTELLO, J. Jorge Amado e o Brasil. In: SCHWARCZ, L.; GOLDSTEIN, I. (org.). *Caderno de leituras: o universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 10-21.

CHAMOISEAU, P. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 2011.

CHERKI, A. Préface à l'édition 2002. In: FANON, F. *Les damnés de la terre*. Paris: Éditions La Découverte & Syron, 2002. p. 5-15.

COMPAGNON, A. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DUMONT, J. Migrations. *Esclavages CIRESC*, France, 2010. Disponível em: [http://www.esclavages.cnrs.fr/IMG/pdf/J. Dumont-II\\_Migrations-1.pdf](http://www.esclavages.cnrs.fr/IMG/pdf/J._Dumont-II_Migrations-1.pdf). Acesso em: 15 fev. 2018.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523212148>

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GLISSANT, E. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

JEAN, R. Le gang des Antillais, portrait d'une époque. *Revue Haïti Monde*, Canada, n. 39-40, p. 16, 2017.

LÉRY, L. Le gang des Antillais s'invite dans nos salles obscures. *France-Antilles*, Martinique, 14 out. 2016a. Entrevista concedida a RO.L. Disponível em: <https://www.martinique.franceantilles.fr/loisirs/cinema/le-gang-des-antillais-s-invite-dans-nos-salles-obscures-382493.php?pos=0>. Acesso em: 14 abr. 2018.

LÉRY, L. Le gang des Antillais, c'est lui. *Africine*, France, nov. 2016b. Entrevista concedida a Mélanie Cournot. <http://africine.org/entretien/le-gang-des-antillais-cest-lui/13868>. Acesso em: 14 abr. 2018.

LÉRY, L. *Le gang des Antillais*. Paris: Caraïbéditions, 2016c.

LOURENÇO, L. C. et al. (org.). *Prisões e punição no Brasil contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, 2013. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523212230>

MACHADO, A. M. A invenção da Bahia. Posfácio a Mar morto. In: AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANVILLE, M. Préface de maître Marcel Manville. In: LÉRY, L. *Le gang des Antillais*. [S.l.]: Éditions Désormeaux, 1985. Disponível em: <http://www.tout-monde.com/documents/preface-m.-manville.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.



MANZATTO, A. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARIE-SAINTE, D. A propos du film *Le gang des Antillais. Les Antilles et la diaspora*, [S.l.] 15 out. 2016. Disponível em: <https://pyepimanlat.blogspot.com/2016/10/a-propos-du-film-le-gang-des-antillais.html>. Acesso em: 16 abr. 2018.

MARIVAT, G. “Le gang des Antillais” ou l’histoire vraie d’un groupe de braqueurs des années 1970. *Le Monde*, França, 30 nov. 2016. Afrique. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/afrique/article/2016/11/30/le-gang-des-antillais-ou-l-histoire-vraie-d-un-groupe-de-braqueurs-des-annees-1970\\_5040892\\_3212.html](https://www.lemonde.fr/afrique/article/2016/11/30/le-gang-des-antillais-ou-l-histoire-vraie-d-un-groupe-de-braqueurs-des-annees-1970_5040892_3212.html). Acesso em: 16 abr. 2018.

ONOMO, S. *Le gang des Antillais*. [S.l.]: Films d’Ici, [2015?]. Disponível em: [https://www.regionguadeloupe.fr/fileadmin/Site\\_Region\\_Guadeloupe/actus/actus\\_du\\_conseil/Gang\\_des\\_antillais\\_DossierPresentationLGDA.pdf](https://www.regionguadeloupe.fr/fileadmin/Site_Region_Guadeloupe/actus/actus_du_conseil/Gang_des_antillais_DossierPresentationLGDA.pdf). Acesso em: 20 abr. 2018.

RAMOS, J. Ditadura Vargas incinerou em praça pública 1.640 livros de Jorge Amado. *Correio*, Salvador, 10 out. 2012. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado/>. Acesso em: 6 maio 2020.

ROCHA, V. Eldorado às avessas: experiência antilhana do BUMIDOM em *D’eaux douces*, de Fabienne Kanor. In: ROCHA, V.; BATALHA, M. C. (org.). *Literatura, história e pós-colonialidade: vozes em diálogo*. Rio de Janeiro: Dialogart, 2019. p. 281-308.

ROCHE, J. *Jorge bem/mal Amado*. São Paulo: Cultrix, 1987.

ROSSI, L. G. F. A militância política na obra de Jorge Amado Rossi. In: SCHWARCZ, L.; GOLDSTEIN, I. (org.). *Caderno de leituras: o universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 22-33.

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, L.; GOLDSTEIN, I. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Caderno de leituras: o universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 8-9.

SHÉLCHER, V. *Esclavage et colonisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

SILVA, M. R. da. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006.

Recebido em: 13 de junho de 2020.

Aprovado em: 10 de setembro de 2020.